

Dinheiro mundial, incontroleabilidade do capital e mercado mundial: retomando o argumento de Marx no Livro I de O capital*

Ozias S. C. Oliveira[†]

Leonardo M. Leite[‡]

Resumo: Defendemos a hipótese de que a categoria mercado mundial está presente na exposição de Marx no Livro I de O capital. Para isso, mostramos que o capital pressupõe, como condição de existência, o dinheiro mundial, motivo pelo qual este é o último item exposto por Marx na transição entre Capítulos III e IV. Partindo desse argumento, chegamos à constatação de que a incontroleabilidade do capital, expressa em sua tendência permanentemente autoexpansiva, comporta a gênese para a mundialização do capital, a qual se afirma na exposição de Marx desde a produção até a reprodução do capital. Por fim, sugerimos que a categoria do estranhamento é decisiva para a compreensão do lugar do mercado mundial na obra de Marx.

Palavras-chave: teoria do valor, dinheiro mundial, mercado mundial, Karl Marx.

Artigo submetido à Área 3 (Teoria do valor, capitalismo e socialismo) das Sessões Ordinárias do XXIV Encontro Nacional de Economia Política, 2019.

* Este trabalho corresponde a uma versão modificada da monografia “Teoria marxista do valor e mercado mundial: uma contribuição aos estudos sobre os mecanismos de funcionamento do capitalismo global”, agraciada com o primeiro lugar no XXVIII Prêmio de Monografias Economista Celso Furtado organizado pelo CORECON-RJ em 2018 e apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas de Campos da Universidade Federal Fluminense (CEC/UFF). Agradecemos aos comentários de Rodrigo Delpupo e Maracajaro Mansor a uma versão preliminar deste trabalho, isentando-os de qualquer responsabilidade com o resultado final do trabalho.

[†] Estudante do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Economia da UNESP. Endereço eletrônico: oziasoliver@hotmail.com.

[‡] Professor Adjunto na Faculdade de Economia da UFF e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx). Endereço eletrônico: leonardoleite.uff@gmail.com.

Introdução

A produção do capital, valor em processo de valorização, tema do Livro I de *O capital*, tem duas representações especiais ao longo da obra: no Capítulo 4, como D-M-D', e no Capítulo 22, quando Marx revela o que estava subentendido: que o D-M-D' do começo é, na verdade, D-M-D'-D-M-D'-... . As reticências no final são decisivas para indicar que capital só é capital em movimento, isto é, que a produção do capital pressupõe sua reprodução. Pretendemos mostrar neste artigo que os dois momentos expositivos no qual Marx precisa explicar a necessidade expansionista do capital reúnem um conjunto de argumentos que, a nosso ver, revelam que o mercado mundial é o palco sobre o qual o capital se movimenta. Além disso, se o capital se movimenta no palco do mercado mundial, então o D da fórmula do capital não pode ser um símbolo do dinheiro com circulação apenas nacional, isto é, o D só pode ser o dinheiro mundial. Estas são nossas hipóteses de trabalho.

Para defendê-las, dividimos o artigo em mais três seções. Na próxima, seção 1, intitulada *Valor como sujeito automático*, recuperamos o argumento de Marx a respeito da necessidade permanente de expansão contida no próprio capital. Na sequência, a segunda seção, *Dinheiro mundial, incontroleabilidade do capital e mercado mundial*, desenvolvemos a ideia de que o dinheiro mundial é condição de existência do capital, portanto está em sua gênese, e que a tendência autoexpansiva do valor enquanto capital é incontroleável e, assim sendo, necessariamente mundial e, como tal, só pode ser compreendida teoricamente quando estamos no nível do mercado mundial. Na terceira seção, *Da produção à reprodução do capital: momentos de afirmação do mercado mundial*, partimos dos processos de trabalho e valorização e chegamos à acumulação de capital para mostrar que o processo de valorização do valor é insaciável e violentamente mundial. Por fim, na última seção, intitulada *Estranhamento e mercado mundial*, sugerimos, de forma ensaística, que a reprodução da sociedade do capital em escala mundial significa a reprodução do trabalho alienado ou estranhado e que, em função disso, a compreensão ontológica do mercado mundial pressupõe uma análise da alienação ou estranhamento.

1. Valor como sujeito automático

O aparecimento súbito do capital no Capítulo IV do Livro I resulta de uma complexa derivação dialética da categoria dinheiro, exposta no capítulo imediatamente anterior. As condições para seu surgimento na teia expositiva ficam claras quando Marx analisa, no Capítulo III, o dinheiro como dinheiro, isto é, como reserva de valor (tesouro), meio de pagamento e dinheiro mundial.

Quando o dinheiro começa a aparecer como início e fim do processo de troca, ainda no terceiro capítulo da obra, patenteia-se uma completa irracionalidade neste nível de abstração porque um pressuposto da circulação era a troca de valores de uso distintos; a não ser que as quantidades iniciais e finais fossem distintas, o que só será resolvido no capítulo seguinte.

Quando o dinheiro funciona como meio de pagamento, brota uma contradição insolúvel naquele nível de abstração, relativa ao surgimento, na exposição, das figuras dos credores e devedores, além do que os une, que é o juro: “a própria separação temporal entre a alienação da mercadoria e o ato de pagamento (i.e., da realização de seu preço) é ela mesma a forma resolutive de uma contradição própria do desenvolvimento da circulação de mercadorias” (MEDEIROS; LEITE, 2018, p. 64-65). Ademais, como aponta Teixeira (2007, p. 39), “o dinheiro só está plenamente constituído, para Marx, quando não é apenas meio (na circulação), apenas representante do valor, mas quando é ele próprio o valor por excelência, quando é o fim do processo”. Como meio de pagamento, ele é “a própria finalidade da circulação, no sentido da intenção dos agentes (TEIXEIRA, 2007, p.39-40).

Desde esse momento já é possível antever que o conceito de capital trata de algo em movimento e não de um objeto estático. Esse algo em movimento, isto é, esse processo que sempre se inicia com o dinheiro e termina com dinheiro, “deve ser transformado em capital mediante um processo determinado” (MARX, 2013). Tal processo pode ser, inicialmente, representado pela forma “D-M-D, conversão de dinheiro em mercadoria e reconversão de mercadoria em dinheiro, comprar para vender. O dinheiro que circula deste último modo, transforma-se, torna-se capital” (MARX, 2013, p. 224).

Como é possível perceber, a forma D-M-D apresenta em ambos os extremos a forma dinheiro, isto é, as extremidades são idênticas qualitativamente e, para que tal forma seja viável, é necessário que exista uma distinção quantitativa. Com base nisso, argumenta Marx:

Ao final do processo mais dinheiro é tirado da circulação do que nela fora lançado inicialmente. (...) A forma completa desse processo é, portanto, D-M-D', onde $D' = D + \Delta D$, isto é, a quantia de dinheiro inicialmente adiantada mais um incremento. Esse incremento, ou excedente sobre o valor original, chamo de mais valor (surplus value). O valor originalmente adiantado não se limita, assim, a conservar-se na circulação, mas nela modifica sua grandeza de valor, acrescenta a essa grandeza um mais valor ou se valoriza. E esse movimento o transforma em capital (MARX, 2013, p.227).

Dessa maneira, ocorre a transformação do dinheiro em capital e a explicitação do conceito de capital como um processo. E, de acordo com Marx (2013, p. 227), esse processo (que é o capital) constitui uma busca ou movimento insaciável cujo “objetivo é a valorização do valor”, dinheiro produzindo mais dinheiro. Marx destaca que

Ao fim do movimento, o dinheiro surge novamente como seu início. Assim, o fim de cada ciclo individual, em que a compra se realiza para venda constitui, por si mesmo, o início de um novo ciclo. (...) A circulação do dinheiro como capital é (...) um fim em si mesmo, pois a valorização do valor existe apenas no interior desse movimento sempre renovado. *O movimento do capital é por isso, desmedido.* (MARX, 2013, p.228, grifos nossos)

Diante disso, a estratégia do indivíduo possuidor de dinheiro que conscientemente busca o aumento incessante do valor (indivíduo chamado de capitalista) é o contínuo lançamento de dinheiro na circulação. Como afirma Marx (2013, p.229) “o valor de uso jamais pode ser considerado como finalidade imediata do capitalista. Tampouco pode sê-lo o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do lucro”. Além disso, Marx enfatiza que

Na circulação D-M-D (...) mercadoria e dinheiro funcionam apenas como modos diversos de existência do próprio valor: o dinheiro como seu modo de existência universal, a mercadoria como seu modo de existência particular (...). O valor passa constantemente de uma forma a outra, sem se perder nesse movimento, e, com isso, transforma-se no *sujeito automático do processo.* (...). Na verdade, porém, o valor se torna aqui, o sujeito de um processo em que ele, por debaixo de sua constante variação de forma, aparecendo ora como dinheiro, ora como mercadoria, altera sua própria grandeza e, como mais-valor, repele a si mesmo como valor originário valoriza a si mesmo. *Pois o movimento em que ele adiciona mais-valor é seu próprio movimento; sua valorização é, portanto, autovalorização* (...). (MARX, 2013, p. 229-230).

A metamorfose do dinheiro em capital, a qual envolve, necessariamente, a criação do mais-valor, só é possível através de uma mercadoria especial, ou seja, uma mercadoria “cujo o próprio consumo fosse (...) objetivação de trabalho e, por conseguinte, criação de valor” (MARX, 2013, p. 241-242). Como destaca Teixeira:

Quando a forma mercadoria atinge também a força de trabalho, ou seja, quando a própria força de trabalho se torna uma mercadoria como outra qualquer, o dinheiro torna-se capital, dinheiro que gera mais dinheiro, valor que se valoriza. O detentor de capital compra então a força de trabalho e os meios de produção, adquirindo-os no mercado pelos seus valores, e se apropria do valor do excedente que o valor de uso desta força de trabalho cria em seu consumo no processo produtivo: a mais-valia. O que sustenta o movimento do capital, então, é a produção real na qual se cria a mais-valia, cuja substância é o trabalho abstrato. (TEIXEIRA, 2007, p. 40-41)

Em suma, o capital, enquanto valor que visa sua constante valorização, tem, no modo de produção capitalista, sua mais adequada sustentação, que é o movimento contínuo e permanente do capital na busca do mais-valor.

2. Dinheiro mundial, incontrolabilidade do capital e mercado mundial

O argumento da seção anterior, do dinheiro como meio de pagamento ao capital, fundamental para o conjunto de *O capital*, é preenchido, na exposição de Marx, pela seção sobre o

dinheiro mundial. Apesar disso, a imensa maioria das interpretações desse argumento de Marx praticamente negligencia o papel do dinheiro mundial na transição dialética entre dinheiro e capital⁴.

Ao identificar, nos *Grundrisse*, o “trabalho universal” como substância do valor de todas as mercadorias em circulação, Marx parte de uma esfera de circulação em que desconsidera a existência de fronteiras e/ou barreiras à circulação, e não simplesmente da circulação dentro de determinado país. Dessa forma, ele identifica o mercado mundial como expressão da totalidade das relações econômicas dentro do modo de produção capitalista quando expõem um esboço da estrutura de sua crítica da economia política:

Nessa primeira seção, em que são considerados valor de troca, dinheiro, preço, as mercadorias sempre aparecem como dadas. A determinação formal é simples. Sabemos que elas exprimem determinações da produção social, mas a própria produção social é pressuposta. Mas não são postas nessa determinação. Dessa maneira, a primeira troca aparece, na verdade, como troca exclusivamente do supérfluo, que não submete nem determina a totalidade da produção. É o excedente existente de uma produção global, que se situa fora do mundo dos valores de troca. Da mesma forma, também na sociedade desenvolvida as coisas se apresentam na superfície como mundo de mercadorias existente. Mas essa própria superfície aponta para além de si mesma, para relações econômicas que são postas como relações de produção. Por isso, a articulação interna da produção constitui a segunda seção; sua síntese no Estado, a terceira; a relação internacional, a quarta; o mercado mundial, a conclusão, em que a produção é posta como totalidade, assim como cada um de seus momentos; na qual, porém, todas as contradições simultaneamente entram em processo. O mercado mundial, portanto, constitui ao mesmo tempo o pressuposto e o portador da totalidade. As crises são, nesse caso, a indicação universal para além do pressuposto e o impulso para a adoção de uma nova configuração histórica (MARX,2011,p.170).

Marx, nesta passagem, explicita sucintamente a historicidade do capitalismo e o papel do mercado mundial em sua obra, pois ele observa que a mercadoria, enquanto forma germinal do produto social capitalista, se manifesta como elemento gerador da produção social, contudo a mercadoria não pode desempenhar plenamente esse papel porque a finalidade da produção social não consiste na obtenção de mero valor de uso. A “enorme coleção de mercadorias” – uma expressão que consta no primeiro parágrafo do Livro I de *O capital* –, entendida como a forma aparente da riqueza no modo de produção capitalista, é o resultado necessário de um modo de produção no qual “a produção é posta como totalidade, assim como cada um de seus momentos”. Ao mesmo tempo, a produção de uma “enorme coleção de mercadorias” é um resultado não-teleológico, posto que a finalidade da produção não são as mercadorias em geral, mas a apropriação de uma mercadoria em particular: o dinheiro. Ora, se o mercado mundial é o “portador da totalidade”, lugar onde “a produção é posta como totalidade”, esta mercadoria em particular, finalidade da produção, não é simplesmente o dinheiro, mas o dinheiro enquanto dinheiro mundial.

⁴ Ver Medeiros e Leite (2018) para uma síntese dessas interpretações.

No trecho anterior, Marx mostra como a produção na sociedade capitalista se distingue da produção nas sociedades que antecederam esse modo de produção, pois diferentemente das sociedades pretéritas, no capitalismo a troca, e, conseqüentemente, a contradição imanente à mercadoria (valor de uso e valor), é o fator que submete e determina a totalidade das relações de produção. No capitalismo se produz para trocar, o que é muito diferente de trocar o que se produziu em excesso. Esse fator determinante (a troca) possui um caráter estranhado e uma contradição intrínseca que permeiam toda dinâmica do modo de produção capitalista (DUAYER; MEDEIROS, 2008). A mercadoria como unidade elementar da troca carrega uma contradição entre o caráter social e o caráter privado da produção capitalista (por exemplo, a “enorme coleção de mercadorias” é um resultado social de decisões individuais, particulares) e essa contradição se faz presente em cada momento da produção contribuindo para o surgimento de outras contradições (PRADO, 2016).

Diante disso, quando Marx afirma que o mercado mundial “constitui ao mesmo tempo o pressuposto e o portador da totalidade” e onde “todas as contradições entram em processo”, ele está indicando o mercado mundial como máximo desenvolvimento da produção capitalista. Sendo assim, ele pode ser compreendido como expressão máxima do conjunto de leis, tendências e estruturas que configuram o modo produção capitalista. O mercado mundial não é apenas o lugar específico em que as trocas se realizam. Embora também o seja, ele é a totalidade das trocas e da produção capitalista. Ao superar a análise do imediatamente existente, Marx observa que o mundo das mercadorias não é apenas aquilo que mostra ser (o que se apresenta), mas consiste em um emaranhado de relações contraditórias das quais as crises constituem o ápice. Ou seja, as crises são o maior indício das relações conflitantes presentes no capitalismo, porém essas relações são ocultadas pela superfície do mundo das mercadorias.

Sendo assim, o mercado mundial, enquanto lócus geral das compras e vendas, representante da totalidade das trocas mercantis, é o pressuposto da produção capitalista porque tudo aquilo que é produzido é levado ao mercado para, através deste, estabelecer relações entre os sujeitos (como compradores e vendedores). Além disso, o referido lócus é também a *marca histórica dessa produção*. E, além disso, depende da existência de dinheiro que funcione como meio de troca, meio de pagamento e tesouro mundial, ou seja, do próprio dinheiro mundial.

Quando Marx já na primeira seção do Livro I de *O capital* desenvolve a função dinheiro mundial podemos apontar o primeiro momento no qual o autor demarca a presença do mercado mundial. Marx aponta que o dinheiro mundial “serve como materialidade social da riqueza, em que não se trata nem de compra nem de pagamento, mas da transferência da riqueza de um país a outro, mais precisamente nos casos em que essa transferência na forma das mercadorias é impossibilitada, seja pelas conjunturas do mercado, seja pelo próprio objetivo que se busca realizar.” (MARX, 2013, p. 217-218)

Em outras palavras, o mercado mundial plenamente constituído é o traço que tipifica o capitalismo e o distingue dos demais modos de produção. Em termos históricos, a partir do surgimento dos primeiros burgos (cidades comerciais) o que pode ser verificado ao longo do processo histórico é a ampliação das relações de troca para várias regiões até o momento em que essas relações se tornam dominante. O mercado, assim como o capitalismo, são frutos de um processo histórico. Segundo Bonente,

as trocas (e a conseqüente transformação do produto do trabalho em mercadoria) também são resultado de um processo histórico, que certamente envolve o contato entre sociedades não mercantis, pois a troca não pode emergir na prática social de indivíduos imersos em relações de produção nas quais o produto não tivesse a troca como meio de distribuição. Apenas posteriormente, com o desenvolvimento das relações de comércio, as trocas penetram no seio das comunidades e se transformam na forma dominante de articulação entre os produtores. Por isso, podemos intuir que o comércio de longa distância põe as condições para o surgimento do comércio local e o precede historicamente (BONENTE, 2016, p.12).

O que é digno de nota nesse processo é o fato de que as relações de troca que constituem o mercado não ficaram e nem poderiam ficar restritas por muito tempo às fronteiras de determinadas localidades. Porque com a consolidação dessas relações o dinheiro (mundial) se torna capaz de pôr a si próprio como capital. E quando isso ocorre, a tendência autoexpansiva do capital faz com que este penetre em novas localidades com o objetivo de criar novos espaços de produção e troca. Em outras palavras, o capital não pode permanecer confinado nos limites de uma economia doméstica. O capital “precisa ir além de qualquer barreira espacial, criar condições objetivas para ampliação das trocas e conquistar o mundo como seu mercado” (BONENTE, 2016, p. 66). Nas palavras de Marx:

Quanto mais a produção se baseia no valor de troca e, em consequência, na troca, tanto mais importantes se tornam para ela as condições físicas da troca – meios de comunicação e transporte. É da natureza do capital mover-se para além de todas as barreiras espaciais. A criação das condições físicas da troca – de meios de comunicação e transporte – devém uma necessidade para o capital em uma dimensão totalmente diferente – a anulação do espaço pelo tempo. (MARX, 2011, p. 445 et seq.; apud BONENTE, 2016, p.66)

A universalização do modo de produção capitalista atribui ao dinheiro o papel de equivalente universal. Em *O capital*, o dinheiro é derivado da análise da forma mercadoria pois a dupla natureza do trabalho contida na mercadoria contribui para formação da unidade dialética entre valor de uso e valor de troca. Assim, o trabalho expresso no valor de troca é abstrato e indiferenciável, isto é, trabalho no qual a individualidade do trabalhador desaparece. Com a generalização do trabalho assalariado, a redução do indivíduo a trabalho indiferenciável e socialmente necessário se impõe progressivamente na produção. Desse modo, a dupla natureza das mercadorias implica a necessidade de transferir a posse delas para as mãos de outrem e implica

também a possibilidade dessa transferência não se realizar. Por isso, a forma mercadoria já contém, para Marx, a inteira contradição do modo de produção capitalista como um todo. Ao analisar a forma mercadoria, Marx observa que, na troca, as mercadorias elegem uma mercadoria específica, ouro, que, enquanto medida de valor, se comporta como equivalente universal e expressa os valores das demais mercadorias. O caráter comensurável das mercadorias como tempo de trabalho objetificado transforma ouro em dinheiro (PRADELLA, 2015, p.142).

A dupla natureza da mercadoria, portanto, desenvolve-se e cristaliza-se na forma de moeda e de dinheiro. Sendo esta mudança representada nos diferentes circuitos M-D-M e D-M-D. O primeiro circuito mostra a forma imediata da circulação em que o dinheiro aparece como um simples meio de circulação de valores de uso. Muitos economistas clássicos tomam esse circuito como uma unidade entre compra e venda e fundamentam a teoria quantitativa da moeda a partir desse entendimento. Todavia, como Marx destaca em sua crítica à teoria quantitativa da moeda, a própria circulação de mercadorias (e a possível unidade entre compras e vendas) se expressa na circulação do dinheiro. Em vista disso, Pradella afirma que:

O volume de ouro na circulação, para Marx, depende dos preços das mercadorias em circulação e da velocidade da circulação; a massa dos meios metálicos de circulação é variável, e ouro entra ou existe na circulação de acordo com a necessidade. As funções do dinheiro, portanto, não podem ser reduzidas para aquela de meios de circulação: até mesmo como símbolo de valor dinheiro pressupõe entesouramento, que, para Marx, não pertence a circulação (PRADELLA, 2015, p.143).

O circuito D-M-D comporta as relações de produção mais desenvolvidas. Nesse circuito, o dinheiro aparece como dinheiro, isto é, como o verdadeiro objetivo da circulação que, por esse motivo, só faz sentido na fórmula D-M-D', na qual se explicita a diferença quantitativa entre os pólos iniciais (D) e finais (D') do processo. Isso implica, de acordo com Pradella (2015, p.144), na inversão do circuito da mercadoria dentro do circuito do capital.

Todas as mercadorias, nos seus preços, representam ouro, que é o representante material da riqueza abstrata(...). Moeda torna-se dinheiro assim que seu movimento é interrompido, sua circulação constante, além disso, é baseada no entesouramento, que não é apenas a primeira forma histórica na qual riqueza social abstrata foi mantida mas também uma condição permanente da circulação. Com contratos de troca ["bills of exchange"], mais ainda, compradores e vendedores tornam-se devedores e credores nas bases dos contratos legalmente obrigatórios, e dinheiro pode funcionar (...), revelando a si mesmo como uma mercadoria absoluta dentro da circulação. (PRADELLA, 2015, p.144)

Ao permitir que os volumes de transações simultâneas se ampliem sem serem restringidas por um dado estoque de dinheiro, verifica-se que "dinheiro como um meio de pagamento é a base do sistema de crédito" (Campbell apud Pradella, 2015, p.144). Essa função do dinheiro amplia seu

espectro de atuação conforme a produção capitalista se desenvolve e, conseqüentemente, se intensificam as relações comerciais entre as nações. Em vista disso,

Ao deixar a circulação doméstica e funcionar como dinheiro mundial, para Marx, dinheiro “retorna para sua forma originária natural” mudando “as formas particulares ocasionadas pelo desenvolvimento da troca dentro de áreas particulares” (Marx). Neste nível, ouro e prata não aparecem como meios de circulação, mas como meios universais de troca, como meios de compra e pagamento. Mercadorias revelam seus valores de troca, seu ser como uma materialização do trabalho abstrato, e tornam-se adequadas para sua essência como dinheiro mundial. (PRADELLA, 2015, p.144)

O circuito D-M-D, portanto, possibilita a transição do valor, enquanto “materialização do trabalho abstrato”, para o capital, entendido como o contínuo movimento em que o valor se autovaloriza (D-M-D’). O dinheiro mundial é a mercadoria que ratifica o trabalho humano abstrato e, conseqüentemente, as trocas no âmbito do mercado. Sendo assim, “o papel do dinheiro mundial é universalizar a possibilidade lógica e histórico-concreta do capital”, além disso, é possível observar que

a análise do desdobramento da forma valor no primeiro capítulo de O capital - desde a forma valor simples até a forma-dinheiro – pressupôs que a mercadoria-dinheiro elegida como tal fosse a mercadoria que assume a função de dinheiro mundial. Conclui-se desse raciocínio que a análise das formas de valor foi conduzida por Marx no nível de abstração do mercado mundial (LEITE, 2017, p.201).

Esse raciocínio pode ser verificado na seguinte passagem nas *Teorias da Mais-Valia*, de Marx, que corresponde à parte dos *Manuscritos de 1861-63*:

Se o trabalho excedente ou mais-valia se configurasse apenas em produto excedente nacional, o aumento do valor pelo valor e em consequência a extorsão de trabalho excedente encontrariam um limite na estreiteza, no reduzido elenco de valores de uso em que se apresenta o valor do trabalho nacional. Mas é o comércio exterior que desenvolve a verdadeira natureza do produto excedente como valor, ao fazer o trabalho nele contido como trabalho social configurar-se numa série ilimitada de diferentes valores de uso, e ao dar realmente sentido à riqueza abstrata

[...]

Mas só o comércio exterior, a transformação do mercado em mercado mundial, faz o dinheiro evoluir para dinheiro mundial e o trabalho abstrato para trabalho social. A riqueza abstrata, valor, dinheiro, e em consequência o trabalho abstrato desenvolvem-se na medida em que o trabalho concreto se torna uma totalidade – que abrange o mercado mundial - de maneiras diferentes de trabalho. A produção capitalista assenta no valor ou na conversão do trabalho contido no produto, em trabalho social. Mas isso só é possível na base do comércio exterior e do mercado mundial. E constitui pressuposto e ao mesmo tempo resultado da produção capitalista. (MARX, 1980, p.1302-3)

O movimento de autovalorização do valor adquire uma nova potência por meio do comércio externo, ou seja, o comércio exterior possibilita uma equiparação entre os mais-produtos de diferentes nações, isso acirra a concorrência e impulsiona o movimento do capital. Como o trabalho privado contido no produto excedente (mais-produto) de cada nação é transformado em trabalho

social na medida em que este constitui trabalho humano objetificado nas mercadorias que são postas à venda no mercado e este inclui necessariamente o comércio exterior, o mercado mencionado anteriormente é o mercado mundial, base de sustentação da produção capitalista.

Quando, na circulação, o dinheiro deixa de ser apenas meio (M-D-M) e se torna a finalidade desse processo com uma distinção que não é apenas qualitativa, mas também quantitativa, Marx destaca que o dinheiro já se transformou em capital (D-M-D'). Capital, por sua vez, constitui um movimento que sempre se renova fazendo da sua própria existência uma saga interminável em busca de mais-valor. Assim, como afirma Mézáros:

Capital não é apenas uma “entidade material” (...) mas é, em última análise, uma forma incontrolável de controle sociometabólico. A razão principal por que este sistema forçosamente escapa a um significativo grau de controle humano é precisamente o fato de ter, ele próprio, surgido no curso da história como uma poderosa(...) estrutura “totalizadora” de controle à qual tudo o mais, inclusive seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua “viabilidade produtiva”, ou parecer, caso não consiga se adaptar. (Mészáros, 2002, p.96)

Essa tendência autoexpansiva foi sistematicamente incorporada na análise da acumulação capitalista presente no Livro I de *O capital* e vai de encontro com a identidade entre mercado mundial e totalidade, ou seja, com a noção do mercado mundial como portador da totalidade. Essa noção de totalidade está diretamente vinculada ao método de investigação marxiano, pois a totalidade “constitui a reprodução ideal do realmente existente” (LUKÁCS, 2012, p.291). Ademais, a noção de totalidade possibilita uma compreensão mais apurada da dinâmica da economia capitalista e contribui para a desmistificação da naturalização dessa economia. No seguinte trecho Lukács sintetiza a relevância desse processo de abstração:

A economia marxiana, ao contrário [da ciência burguesa], parte sempre da totalidade e volta a desembocar na totalidade. Como já expusemos, o tratamento central e, sob certos aspectos, frequentemente imanente dos fenômenos econômicos encontra seu fundamento no fato de que neles deve ser buscada e encontrada a força motriz, em última análise, decisiva do desenvolvimento social em seu conjunto. (LUKÁCS, 2012, p.291)

Tendo em vista a importância dos fenômenos econômicos para o “desenvolvimento social em seu conjunto”, a categoria mercado mundial desempenha papel de destaque porque conecta os níveis mais abstratos da obra *O capital* às categorias que estão presentes nos níveis mais concretos de análise.

3. Da produção à reprodução do capital: momentos de afirmação do mercado mundial

Para um melhor entendimento disso, torna-se necessário um exame mais aprofundado do processo de produção do capital, isto é, identificar sua origem (como o capital é produzido) e a sua

contínua reprodução (como o capital produz). Nesse contexto, Marx (2013, p.242) observa que a transformação do dinheiro em capital só pode ocorrer por meio do consumo da força de trabalho, pois esta é a única mercadoria em que o próprio valor de uso possui a capacidade de criar valor. Logo, o consumo desse valor de uso contribui simultaneamente para a produção das mercadorias e para a geração do mais-valor. Com base nisso, infere-se que, no modo de produção capitalista, o trabalho⁵ subordina-se ao capital, como fica patente na seção dedicada à produção do mais-valor relativo. O processo de trabalho, entendido como “condição natural da vida humana”, se faz presente em todos os modos de produção anteriores ao capitalismo, mas é neste último que o trabalho humano se submete a uma lógica (do capital) em que o próprio ser humano perde a capacidade de reconhecer qual é a finalidade dessa lógica, porque ele conhece apenas parte do processo. Marx destaca que o processo de trabalho nesse contexto revela dois fenômenos:

O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. (...) Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor da força de trabalho por um dia.(...) Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. Mediante a compra da força de trabalho, o capitalista incorpora o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos que constituem o produto e lhe pertencem igualmente. De seu ponto de vista, o processo de trabalho não é mais do que o consumo da mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, que, no entanto, ele só pode consumir desde que lhe acrescente os meios de produção. O processo de trabalho se realiza entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. (MARX, 2013, p. 262-263)

Esses fenômenos ressaltam o antagonismo gerado pelas condições históricas de existência do capital, ou seja, o capital apenas “surge quando o possuidor de meios de produção e de subsistência encontra no mercado o trabalhador livre como vendedor de sua força de trabalho” (MARX, 2013, p.245). Diante desse quadro, os valores de uso produzidos pelos trabalhadores não visam o consumo imediato, a subsistência, mas se comportam como meros suportes do valor de troca. Esses trabalhadores, enquanto sujeitos livres e despojados dos meios de produção, oferecem no mercado a única coisa que lhes resta, sua força de trabalho. Eles constituem um polo do antagonismo criado pelo capital, o outro polo é formado pelos possuidores de dinheiro, capitalistas.

⁵ Marx propõe uma diferenciação entre trabalho e força de trabalho. De acordo com ele, o trabalho ou processo de trabalho “é uma atividade orientada a um fim- a produção de valores de uso-, apropriação do elemento natural para satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor comum a todas as suas formas sociais ”(Marx,2013,p.261). Já a força de trabalho é um valor de uso que pode ser vendido no mercado, pois como afirma Marx: “ O que caracteriza a época capitalista é, portanto, que a força de trabalho assume para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria que lhe pertence, razão pela qual seu trabalho assume a forma do trabalho assalariado. Por outro lado, apenas a partir desse momento universaliza-se a forma mercadoria dos produtos do trabalho. ” (Marx,2013, p.245). Todavia, esse autor reconhece que “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho” (Marx,2013, p.255), ou seja, a mercadoria força de trabalho é o trabalho humano condicionado pela dinâmica de produção capitalista.

Estes são responsáveis pela gestão do processo produtivo e são os donos dos meios de produção e da força de trabalho empregados em tal processo. É no âmbito da produção que os capitalistas usufruem das mercadorias que lhes pertencem, eles fazem isso com a finalidade de obter mais dinheiro do que aquele investido na compra de tais mercadorias, ou seja, os capitalistas realizam um consumo produtivo cujo alvo é um determinado nível de lucratividade. Isso implica na fórmula geral do capital, como visto anteriormente, D-M-D', em que o capitalista começa o processo produtivo desembolsando D com a compra dos meios de produção (MP) e força de trabalho (FT) e finaliza com a venda das mercadorias geradas por tal processo adquirindo D'.

Por conseguinte, a produção de mercadorias no modo de produção vigente combina o processo de trabalho com o processo de valorização. O valor da mercadoria é proveniente do tempo de trabalho socialmente necessário incorporado na produção desse valor de uso, ou seja, a produção das mercadorias consiste na materialização de jornadas de trabalho. O capitalista só identifica a força de trabalho como fonte de mais-valor quando ele percebe que o prolongamento do processo de trabalho não exige como contrapartida o aumento do valor da força de trabalho. Este valor corresponde, de acordo com Marx (2013, p.269), aos “meios de subsistência necessários à produção diária da força de trabalho”.

Assim, Marx observa que o processo de valorização, como extensão do processo de formação do valor⁶, é mediado pela circulação porque ocorre tanto dentro como fora dessa esfera. Em outras palavras, o processo de valorização se inicia com a compra da força de trabalho, mas sua efetivação ocorre na esfera da produção. Marx salienta que:

Ao transformar o dinheiro em mercadorias, que servem de matérias para a criação de novos produtos ou como fatores do processo de trabalho, ao incorporar força viva de trabalho à sua objetividade morta, o capitalista transforma o valor – o trabalho passado, objetivado, morto – em capital, em valor que se autovaloriza, um mostro vivo que se põe a “trabalhar” como se seu corpo estivesse possuído de amor. (MARX, 2013, p.271)

Nessa passagem, Marx enfatiza a unidade existente entre os processos de trabalho e de valorização presente na “forma capitalista de produção de mercadorias”. Nesta forma de produção o processo de trabalho simultaneamente amplia e conserva valor, pois o capitalista combina meios de produção e força de trabalho como fatores do processo de produção em que o caráter útil do trabalho incorpora no produto final os valores contidos nos meios de produção, ou seja, a qualidade específica e concreta do trabalho adicionado na produção conserva os valores antigos dos meios de produção no produto (MARX, 2013, p.278). Já o caráter abstrato do trabalho, enquanto trabalho

⁶ Nos termos de Marx: “Ora, se compararmos o processo de formação de valor com o processo de valorização, veremos que este último não é mais do que um processo de formação de valor que se estende para além de certo ponto. Se tal processo não ultrapassa o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um novo equivalente, ele é simplesmente um processo de formação do valor. Se ultrapassa esse ponto, ele se torna processo de valorização.” (Marx, p.271,2013)

social em geral, adiciona valor aos antigos valores dos meios de produção através de uma jornada de trabalho, isto é, devido ao tempo de duração e a quantidade de trabalho inseridos no processo produtivo, é adicionado um novo valor nos meios de produção (MARX, 2013, p. 278).

Por isso, Marx descreve os fatores do processo de produção como componentes do capital no processo de valorização e denomina esses fatores de acordo com os papéis que eles desempenham em tal processo⁷. Diante disso, é importante ressaltar que o *capital*, para Marx, é um processo de valorização insaciável cuja dinâmica é determinada principalmente pelo uso da força de trabalho, o qual pressupõe sua compra e venda, sendo portanto uma relação social entre a classe trabalhadora e a classe capitalista. O caráter dessa relação social se torna ainda mais explícito quando Marx descreve a taxa de mais-valor⁸ como “a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista”. Como essa taxa é determinada pela proporção de tempo de mais-trabalho em relação ao tempo de trabalho necessário, a disputa entre trabalho e capital pode ser expressa pelos limites da jornada de trabalho. Como Marx (p.309, 2013) afirma, a definição dos limites dessa jornada faz parte de um processo histórico em que o conjunto dos capitalistas (classe capitalista) busca “prolongar o máximo possível a jornada de trabalho”, mas encontra como obstáculo o direito do trabalhador, como vendedor da mercadoria força de trabalho, de querer “limitar a jornada de trabalho a uma duração normal determinada”. O capitalista em busca de obter uma taxa individual de mais-valor cada vez mais elevada põe em curso um movimento que ele mesmo desconhece (não consegue controlar), pois a avidez por mais-trabalho faz parte do caráter da produção de mercadorias no capitalismo.

Os limites da jornada de trabalho não podem ser definidos exclusivamente pelo capitalista. Por isso, ao ser estabelecida a duração de uma jornada de trabalho, e supondo constante a intensidade do trabalho, o capitalista adota um novo método para extrair a taxa de mais-valor desejada, ao invés de aumentar indefinidamente os limites da jornada de trabalho ele agora modifica a proporção entre o tempo de trabalho necessário e o tempo de mais-trabalho. Como salienta Marx (2013, p. 389): “dada a duração da jornada de trabalho, o prolongamento do mais-trabalho tem de resultar da redução do tempo de trabalho necessário”. Essa mudança nos componentes da jornada de trabalho decorre da elevação da força produtiva do trabalho, pois esta permite “uma alteração no processo de trabalho por meio da qual o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma

⁷ “Meios de produção, de um lado, e força de trabalho, de outro, não são mais do que diferentes formas de existência que o valor do capital originário assume ao se despojar de sua forma-dinheiro e se converter nos fatores do processo de trabalho.” (Marx, 2013, p.286)

⁸ “Como, por um lado, o valor do capital variável é igual ao valor da força de trabalho por ele comprada, e o valor dessa força de trabalho determina a parte necessária da jornada de trabalho, enquanto o mais-valor, por outro lado, é determinado pela parte excedente da jornada de trabalho, concluímos que o mais-valor está para o capital variável como o mais trabalho está para o trabalho necessário, ou, em outras palavras, que a taxa de mais-valor $m/v = (\text{mais-trabalho})/(\text{trabalho necessário})$.” (Marx, 2013, p.294)

mercadoria é reduzido, de modo que uma quantidade menor de trabalho é dotada da força para produzir uma quantidade maior de valor de uso” (MARX, 2013, p.389). Assim, ao transformar as condições do processo de trabalho e da produção o capitalista aumenta a produtividade do trabalho sem precisar aumentar os salários dos trabalhadores. Na verdade, o aumento da força produtiva nos setores que produzem as mercadorias necessárias à reprodução dos trabalhadores, reduz o valor da força de trabalho. Com base nisso, Marx faz a seguinte afirmação:

O mais-valor obtido pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valor absoluto; o mais-valor que, ao contrário, deriva da redução do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na proporção entre as duas partes da jornada de trabalho chamo de mais-valor relativo. (MARX, 2013, p.390)

Com a universalização do modo de produção capitalista, se generaliza a tendência ao aumento de produtividade, em função do acicate da concorrência através da busca pelo mais-valor extra. Além disso, de acordo com Marx (2013, p.394), o aumento da força produtiva é uma tendência imanente do capital e se relaciona diretamente com o mais-valor relativo, pois este “aumenta na proporção direta do desenvolvimento da força produtiva do trabalho”. Logo, a tendência de universalização da produção capitalista é assegurada e efetivada pelo constante aumento da força produtiva do trabalho que, por sua vez, simultaneamente condiciona o processo do trabalho (trabalho social) e é decisivo para a configuração do mercado mundial plenamente desenvolvido, no qual a produção capitalista penetra avassaladoramente em outras formações sociais.

Diante disso, podemos agora observar o papel que Marx atribui ao mercado mundial em um nível de análise mais concreto. Ao elaborar sua teoria da acumulação Marx descreve a acumulação como “a reprodução do capital em escala progressiva” e faz a seguinte afirmação em uma nota de rodapé:

Abstraímos, aqui, do comércio de exportações, por meio do qual uma nação pode converter artigos de luxo em meios de produção ou de subsistência e vice-versa. Para conceber o objeto da investigação em sua pureza, livre de circunstâncias acessórias perturbadoras, temos de considerar, aqui, o mundo comercial como uma nação e pressupor que a produção capitalista se consolidou em toda parte e apoderou-se de todos os ramos industriais. (MARX, 2013, p.656)

Nessa nota Marx coloca em evidência o papel do mercado mundial como totalidade das relações de troca no capitalismo. Tendo como base a tendência universalizante do capital e, conseqüentemente, a propagação do modo de produção capitalista para todas as partes, Marx abstrai o “comércio de exportações” e considera “o mundo comercial como uma nação”, pois neste nível de abstração ele busca identificar o determinante essencial do processo de reprodução do capital em escala global. Para alcançar esse objetivo, Marx coloca à parte o comércio exterior neste momento

da análise, porque esse comércio apresenta determinações (taxas de câmbio, distintas políticas, tarifas, enfim, todas as determinações relacionadas à existência das fronteiras nacionais) que, embora sejam importantes, não são cruciais para o entendimento do processo de reprodução do capital. Assim, toma uma nação em abstrato, como a representação das relações econômicas livres de “circunstâncias acessórias perturbadoras” que se manifestam no mercado mundial. Neste nível de abstração, o mercado mundial (“o mundo comercial como uma nação”) é capaz de exprimir algo essencial presente em todas as nações que estão sob a dinâmica do modo de produção capitalista. Esse algo essencial presente em todas as nações e imposto pela reprodução do capital em escala global é aquilo que Marx chama de “lei geral da acumulação capitalista”. A abstração do “comércio de exportações”, como afirma Pradella,

É a única forma de conceituar o mercado mundial, o qual inclui os mercados internos e externos de todas as nações participantes dele. Esta abstração, de fato, permite que as relações globais de produção sejam levadas como ponto de início da análise, introduzindo subsequentemente as categorias específicas necessárias para analisar a multiplicidade dos Estados. Com o objetivo de entender a economia mundial como totalidade, e não como uma soma de unidades nacionais, de fato, isso é necessário primordialmente para identificar a lógica total de desenvolvimento do sistema. (PRADELLA, 2015, p.147)

A acumulação nada mais é do que “a aplicação do mais-valor como capital”. Portanto, a acumulação expressa a contínua repetição da fórmula D-M-D’ em que “o capitalista consegue vender a mercadoria produzida e reconverter em capital o dinheiro com ela obtido” (MARX, 2013, p.640). Ou seja, ao se apropriar do mais-valor produzido no processo de produção o capitalista utiliza esse mais-valor para iniciar um novo ciclo D-M-D’ e, conseqüentemente, obter um novo mais-valor. Esse processo configura a reprodução do capital em escala ampliada na qual o capitalista repete sempre as mesmas fases do ciclo D-M-D’ perseguindo incansavelmente um mais-valor em potencial.

Como capital personificado o capitalista põe em marcha o mecanismo social de valorização do valor. Esse mecanismo submete o próprio capitalista e toda classe trabalhadora a uma lógica de produção pela produção, pois a concorrência obriga o capitalista “a ampliar continuamente seu capital a fim de conservá-lo, e ele não pode ampliá-lo senão por meio da acumulação progressiva” (MARX, 2013, p. 667). Diante disso, como afirma Pradella (2015, p.150): “a completa implementação da lei do valor internacionalmente é uma tendência que se realiza progressivamente no curso da acumulação através da concentração e centralização do capital, e da resultante generalização da relação do trabalho assalariado”.

4. Estranhamento e mercado mundial

A análise do modo de produção capitalista como uma totalidade requer o estudo das leis que governam o mesmo. Vimos que o valor é primordialmente uma relação social e reflexo da riqueza capitalista. Através do aprofundamento da relação dialética entre valor e valor de uso das mercadorias, Marx captura a origem lógica e conceitual do dinheiro, a qual culmina com o dinheiro mundial.

Outro momento importante para perceber a presença do mercado mundial no Livro I é, no Capítulo 22, quando Marx toma “o mundo do comércio como uma nação”. Uma primeira leitura superficial dessa nota de rodapé pode gerar equívocos interpretativos da relação que o autor estabelece. Uma nação particular não é eleita por Marx como a representante do mundo do comércio, mas, ao contrário, é por existir uma tendência universalizante do capital que espraia (amplia) as relações de troca pelo globo que aquele autor pressupõe abstratamente o mundo do comércio como um mundo sem barreiras para que as trocas se realizem: um só povo, os guardiões das mercadorias; um só caminho, a troca generalizada das mercadorias fetichizadas. Marx pressupõe, portanto, o mercado mundial como a totalidade das trocas na sociedade mercantil, no capitalismo global.

A lógica de produção pela produção, típica do modo de produção capitalista, significa, realmente, uma lógica de trabalho pelo trabalho. Em outros termos, o trabalho humano, na sociedade do capital, não tem como finalidade a satisfação das necessidades humanas, mas o atendimento dos anseios do capital. Logo, é um trabalho cujo sentido é fornecido por uma força estranha aos próprios sujeitos. Além disso, esse estranhamento impõe um movimento incontrolável de permanente expansão da riqueza, resultante da lógica referida anteriormente, o qual constitui a gênese do que chamamos de globalização capitalista.

Marx, ao elaborar sua crítica da economia política, busca compreender a sociedade moderna e a dinâmica capitalista. No decorrer desse estudo ele percebe a inversão entre sujeitos e objetos (trabalho humano e mercadorias) presente de maneira impositiva no modo de produção capitalista. Os sujeitos (seres humanos) têm a sua existência social validada nessa época histórica mediante as mercadorias que eles produziram e que conseguiram se apropriar. Nesse contexto capitalista, a produção das mercadorias e a apropriação das mesmas ocorre somente por meio das relações de troca ou mecanismo de mercado. Este mecanismo, ao agir como mediador das relações entre os seres humanos, acaba ocultando relações humanas e colocando em evidência a relação que as mercadorias estabelecem entre si, na formação social capitalista, como algo natural. As mercadorias (valores) se personificam, tornam-se sujeitos e os seus guardiões tornam-se objetos, ou seja, os seres humanos no período histórico capitalista se comportam como portadores dos recados emitidos pelos valores das mercadorias. Estes valores, enquanto sujeitos automáticos, dialogam entre si por

meio da linguagem oficial do mundo das mercadorias. Linguagem que só pode ser decodificada pelo movimento que as mercadorias fazem sob o mecanismo social de mercado.

Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844, Marx recorrentemente utiliza o termo economia-nacional para se referir à economia política clássica. Esses cadernos de estudos constituem um dos primeiros contatos desse autor com o tema da economia política. Portanto, ele ainda não desenvolveu sistematicamente as categorias valor, capital e mercado mundial. Todavia, é possível perceber nessa obra que Marx já lança indícios que contribuiriam posteriormente para o desenvolvimento de tais categorias. Vamos ressaltar os indícios deixados por Marx no que tange a categoria mercado mundial (ou mecanismo social de mercado).

Como tentamos defender, o mercado mundial já está presente no nível de abstração do Livro I d'O capital. Nas palavras de Saludjian, Miranda e Carcanholo:

Mercado (ou circulação de mercadorias) para ele é a totalidade das *trocas* em uma economia mercantil-capitalista. Nesta sociedade, os indivíduos não têm a liberdade de ir, ou não, conforme seus caprichos, ao mercado (mundial) para eventualmente, comprar ou vender produtos. Na sociedade capitalista, os seres humanos são obrigados, para existirem nessa sociedade, a comprar e vender produtos. Com o desenvolvimento da *divisão do trabalho*, esses indivíduos produzem apenas parte do que necessitam para viver. Isto significa que: (i) o *trabalho privado* só é reconhecido, ou não, como parte do *trabalho social*, se seu produto for reconhecido/validado na troca;(ii) os indivíduos se relacionam-se uns com os outros, fundamentalmente, por intermédio da compra e venda de suas mercadorias, e não diretamente. Enfim, trata-se de uma sociabilidade obrigatoriamente mercantil. Portanto, quando Marx se refere ao mercado mundial, ele está se referindo a essa sociedade onde os seres humanos se relacionam socialmente de forma mediada/estranhada, o capitalismo. (SALUDJIAN, MIRANDA e CARCANHOLO, 2015, p. 10, grifos nossos)

Sendo assim, podemos afirmar que a sociabilidade mercantil (ou o mercado mundial) é composta pelas mediações: propriedade privada - intercâmbio - divisão do trabalho. De acordo com Mészáros (2006, p.78) a alienação⁹ da qual Marx está tratando corresponde a essa série de mediações que se impõem entre o homem e o seu trabalho (acepção geral), entendido como a determinação ontológica fundamental da humanidade. Essas mediações impedem o ser humano de exercer em plenitude a atividade produtiva, cujo caráter é vital para sua reprodução enquanto ser social. Além disso, tais mediações criam barreiras “para apropriação humana dos produtos de sua atividade” (ibidem).

O trabalho, além de ser uma atividade vital humana, intercâmbio entre o ser humano e a natureza, torna-se uma mercadoria, trabalho assalariado. Este último aspecto do trabalho (acepção particular) é interpretado por Mészáros (ibidem) como a base de toda alienação. Marx parte dos

⁹ Jesus Ranieri na apresentação dos manuscritos econômicos-filosóficos aponta para o fato de que Marx não explicitou a possível “distinção (e similitude) entre alienação (Entäusserung) e estranhamento (Entfremdung)” (MARX,2004, p13). Nesta pesquisa tratamos alienação e estranhamento como sinônimos. Mészáros (2006) utiliza com mais frequência o termo alienação.

pressupostos da economia política (chamada por ele nos *Manuscritos* de economia nacional) e os leva ao extremo, chegando na seguinte constatação:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa, é a objetivação do trabalho. A efetivação do trabalho é a sua objetivação. (...)

(...)

A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2004, p.80-81)

Nessa passagem, podemos destacar que o estranhamento expressa a impossibilidade de controlar o processo de trabalho e os produtos originários desse processo (SILVA, 2017, p.5). Quando Marx fala que o produto do trabalho humano “torna-se uma potência autônoma diante dele” isso já prenuncia o sujeito automático da época capitalista, o capital. Este, ao se inserir na esfera produtiva, transforma “a produção para que esta se transforme num meio de expansão do valor” (BONENTE, 2016, p.52). Sendo assim, o estranhamento e a incontrollabilidade do capital se retroalimentam, pois, como afirma Mészáros (2006, p. 81), “a atividade produtiva é, então, atividade alienada quando se afasta de sua função apropriada de mediar humanamente a relação sujeito-objeto entre homem e natureza, e tende, em vez disso, a levar o indivíduo isolado e reificado a ser reabsorvido pela ‘natureza’”.

Se (1) estranhamento e incontrollabilidade do capital se retroalimentam e (2) esta constitui a gênese do caráter permanentemente expansivo do capital, *então* uma sociedade regida pelo capital, isto é, uma sociedade na qual as mercadorias parecem se relacionar entre si e, através dessa relação, dominam os seres humanos, só pode ser uma sociedade que se reproduz em escala mundial. É disso que se trata quando falamos de mercado mundial. Esta é uma categoria histórica, resultante de outra categoria igualmente histórica: o valor, pois este “é a própria expressão do caráter estranhado da sociabilidade humana na sociedade capitalista e que, uma vez transubstanciado em capital, subjuga a humanidade a seus imperativos de expansão” (Correa, 2012, p. 217).

Referências

- BONENTE, B. *Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista*. Niterói: EDUFF, 2016.
- CORREA, H. *Teorias do Imperialismo no Século XXI: (in)adequações do debate no marxismo*. 2012. 247 f. Tese (Doutorado em Economia)– Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- DUAYER, M.; MEDEIROS, J. L. Marx, estranhamento e emancipação: o caráter subordinado da categoria da exploração na análise marxiana da sociedade do capital. *Revista de Economia*, Curitiba, v. 34, n. 4, p. 151-161, 2008
- LEITE, L.M. *Mercado mundial: ponto de partida e de chegada do Livro I de O capital*. In: AQUINO, D; CIPOLLA, F. 150 anos d'O Capital. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2013.
- MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858, esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo e Rio de Janeiro: Boitempo e Ed. UFRJ, 2011b.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política. Livro I*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MARX, K. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MEDEIROS, J; LEITE, L. Em busca do elo perdido: sobre a gênese dialética da categoria capital. *Revista Outubro*, n. 31, p. 45-73, 2018.
- MÉSZÁROS, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- PRADELLA, L. *Imperialism and capitalist development in Marx's Capital*. Historical Materialism, London, v. 2, n. 21, p. 117-147, 2013.
- PRADELLA, L. *Globalisation and the Critique of Political Economy: New insights from Marx's writing*. Londres: Routledge, 2015
- PRADO, E. Notas de aula, 2016. Disponível em <https://eleuterioprado.wordpress.com/aulas/>. Acesso em: 28/10/2017.
- SALUDJIAN, A; MIRANDA, F.; CARCANHOLO, M. *Marx, marxismo e mercado mundial*. In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015 .
- SILVA, N. *Alienation Theory and Ideology in Dialogue*. In: Anais do Rethinking Marxism, 2017

TEIXEIRA, R. *Desenvolvimento, dependência e dominância financeira: A economia Brasileira e o capitalismo mundial*. São Paulo: IPE-USP, 2007.